

CAÇA AOS RICOS

O pêndulo está a movimentar-se. Depois de décadas de defesa de um alívio generalizado de impostos, ganha força a ideia de que, para corrigir desigualdades e encontrar mais receita para o Estado, é necessário taxar mais os ricos. Nos EUA, não param de surgir propostas de pretendentes à Casa Branca



“O que pode a indústria fazer para evitar uma grande revolta social? A resposta é muito simples: deixem de falar de filantropia e passem a falar de impostos [...] Tudo o resto são tretas.” As afirmações foram feitas por Rutger Bregman no coração da elite mundial. Durante o painel em que participou na conferência anual do Fórum Económico Mundial, em Davos, o autor de *Utopia para Realistas* tirou as luvas: “Os ricos não estão a fazer a sua parte. É como se estivesse numa conferência de bombeiros e ninguém pudesse falar sobre água.”

A plateia – com vários milionários – não achou grande piada, mas o vídeo da sua intervenção tornou-se viral e é um símbolo adequado de uma viragem de página no debate político ocidental nos últimos anos, com os holofotes a serem colocados sobre os graves problemas de desigualdade, a concentração de riqueza numa minúscula classe de ultraricos e as vantagens fiscais de que gozam alguns gigantes tecnológicos.

Por estes dias, são os Estados Unidos da América a liderar a carga. Nas últimas semanas, assistimos a uma catadupa de diferentes propostas de destacados membros do Partido Democrata, alguns deles com pretensões a disputar com Donald Trump a presidência dos EUA em 2020. Alexandria Ocasio-Cortez, estrela em ascensão no partido, propôs que a taxa marginal de IRS subisse até 70% para rendimentos anuais acima de 10 milhões de dólares. Bernie Sanders quer colocar os herdeiros a pagarem mais impostos sobre aquilo que recebem, Kamala Harris pretende recuar nas descidas de impostos para os mais ricos aprovadas por Trump e Elizabeth Warren avançou com a ideia de um imposto de 2% sobre toda a riqueza acima de 50 milhões de dólares.

Até há pouco tempo, propostas desta estirpe eram vistas como radicais e marcadas com o carimbo de “socialistas”. Mas os democratas podem ter identificado possíveis ganhos políticos. A maioria dos norte-ameri-

As propostas nos EUA

1 Alexandria Ocasio-Cortez

É a única nesta lista que não é candidata à Presidência. Aliás, há um ano ninguém a conhecia. A congressista é hoje uma das maiores estrelas em ascensão no Partido Democrata. Foi a responsável por dar o tiro de partida no debate sobre a tributação dos mais ricos, propondo que rendimentos superiores a 10 milhões de dólares sejam taxados a 70%. Hoje, a taxa mais alta de IRS é de 37% e aplica-se a rendimentos acima de 500 mil dólares. A ideia divide mais os norte-americanos do que as anteriores, mas a maioria também a aprova.

2 Elizabeth Warren

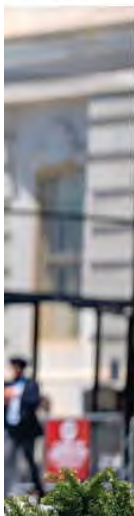
Além de Sanders, é a principal representante da ala esquerda do Partido Democrata. Já anunciou que irá candidatar-se em 2020. É a única a propor um imposto sobre as fortunas: 2% sobre a riqueza das famílias acima de 50 milhões de dólares e 3% para valores acima de mil milhões. Parece ser a ideia que recolhe mais simpatia junto dos norte-americanos. 61% aprovam-na e, mesmo entre os republicanos, ela é popular.



canos pensa que os mais ricos pagam poucos impostos e já o consideram desde a década de 90. Uma sondagem recente do *Politico* conclui que 45% dos eleitores aprovam a ideia de Ocasio-Cortez e que 61% gostam da ideia de Warren. Esta última até entre os republicanos é popular.

Economistas como Paul Krugman têm argumentado que são propostas moderadas, que já tiveram espaço na política norte-americana. No pós-II Guerra Mundial, visto por muitos como a “era de ouro” do capitalismo, as taxas marginais de impostos sobre o rendimento eram muito mais elevadas em todo o mundo e, nos EUA, flutuaram entre 70% e 90%, dos anos 30 aos anos 60. “Desde essa altura, os impostos têm descido e, quando muito, a economia tem tido um desempenho pior”, escreveu o Nobel da Economia.

Até alguns milionários concordam e pedem aos políticos para os taxarem mais. Provavelmente ninguém o fez com maior veemência do que Warren Buffett, cujo nome até foi dado a uma reforma fiscal proposta por Barack Obama (e travada pelos republicanos). Bill Gates também acha que os super-ricos deviam pagar mais. “Paguei mais impostos do que qualquer pessoa, mas acho que o Governo deve exigir que pessoas na minha posição paguem impostos significativamente mais altos.”



mundial – não tiveram direito a uma fatia decente do bolo do crescimento.

Esta concentração de recursos no topo tem correspondido também a uma maior concentração de poder e capacidade de influência junto dos decisores políticos. Alguns dos principais defensores de uma carga fiscal mais pesada sobre os super-ricos argumentam que, além de um esforço de redistribuição, taxar mais os super-ricos ajudaria a moralizar o sistema e a impedir que os eleitores corram para os braços do primeiro líder populista que lhes apareça à frente com um discurso antilites.

Em poucos anos, até o FMI colocou o tema no topo da agenda e passou a defender a redução das desigualdades como condição essencial para um crescimento saudável da economia. Depois de três décadas em que vingou a ideia de que impostos baixos sobre as empresas e os mais ricos permitiriam à riqueza “pingar” até aos mais vulneráveis e beneficiar toda a sociedade – que ficou conhecida como “trickle-down economics” –, o pêndulo está agora a balançar no sentido contrário.

O debate surge numa altura em que os governos ocidentais desesperam por mais receita para manter os benefícios do Estado Social, sem agravarem ainda mais o seu envidamento. A pressão do envelhecimento populacional deverá intensificar-se, com consequências no sistema de saúde e na Segurança Social, ao mesmo tempo que há investimentos importantes a fazer no combate às alterações climáticas.

COMPETIÇÃO EUROPEIA

Estas ideias não estão isentas de críticas. Afinal, se taxar a riqueza é assim tão boa ideia, por que motivo os países europeus desistiram de o fazer? Em 1990, 12 países europeus tinham um imposto sobre riqueza. Hoje, só existem três: Espanha, Suíça e Noruega.

Para que funcione, é necessário que o Estado se especialize em avaliar pinturas renascentistas, joias de família e garrafas de vinho de seis dígitos. É um imposto complexo, difícil de aplicar, caro de gerir pelo Estado, com possíveis problemas de distorção de poupança, e muitos duvidam da sua eficácia no reforço da receita.

Um dos principais argumentos dos seus detratores é o de que uma proposta desse género fará com que os atingidos escolham emigrar ou, de alguma forma, deslocar o seu dinheiro (legal ou ilegalmente) para fora do país. Em vez de um rico contribuir com pouco, passaria a contribuir com nada. Outro risco é o de que, a partir de determinado patamar, haja menos incentivos para “subir na vida”, o que poderá ter consequências na produção de riqueza e no progresso tec-

Qual é a origem desta mudança de vento? O debate começou a mexer nas cinzas da crise financeira de 2008, o mais violento abanão económico dos últimos 80 anos. Dessas dificuldades – sentidas de forma mais intensa nos EUA – surgiu em 2011 o movimento Occupy Wall Street, que colocou na cabeça de toda a gente o slogan “we are the 99%”, por oposição a um 1% cada vez mais insuflado, cujo bem-estar aumentou a um ritmo desproporcionalmente mais elevado do que o do resto da sociedade.

Em paralelo, acelerou a produção académica sobre o tema da desigualdade, com mais investigadores e mais estudos. Alguns deles capazes de carregar sozinhos o debate. Um estudo deste ano da Oxfam concluía que os 26 bilionários mais ricos do mundo têm tanto dinheiro como os 3,8 mil milhões de pessoas mais pobres do planeta. Jeff Bezos está no topo dessa pirâmide, com uma fortuna que ascende a 138 mil milhões de dólares (122 mil milhões de euros). O suficiente para financiar o SNS português durante 13 anos.

O mais recente Relatório Mundial sobre a Desigualdade nota que os 1% mais ricos de todo o mundo absorveram o dobro do crescimento do que os 50% mais pobres. Ainda que a base da pirâmide tenha registado progressos importantes, especialmente na China, os europeus e os norte-americanos mais pobres – uma espécie de classe média

3 Bernie Sanders

O senador do Vermont vai voltar a candidatar-se à presidência dos EUA e traz com ele uma proposta de imposto de 45% sobre o valor das heranças entre 3,5 e 10 milhões de dólares, que aumentaria até 77% para montantes superiores a mil milhões. 50% dos norte-americanos concordam com a ideia.

4 Kamala Harris

A senadora da Califórnia corre com uma plataforma mais ao centro. Concentra a sua atenção num crédito fiscal para os pobres e a classe média, que seria financiado através da eliminação das descidas de impostos para os mais ricos aprovadas por Donald Trump.



Portugal: poucos ricos e pouca motivação

Em Portugal, a crise e a austeridade trouxeram a desigualdade para o debate. Um estudo da Fundação Francisco Manuel dos Santos concluiu que os 10% de portugueses mais pobres foram aqueles que mais perderam no período 2009-2014, devido à explosão do desemprego, mas também aos cortes de apoios sociais, como o RSI, o CSI e o Abono de Família. Desenhar um imposto a aplicar sobre a riqueza já se discute desde os anos 90, quando Medina Carreira chegou a estudar um imposto sobre património mobiliário. Em 2016, voltou a ser debatido. No primeiro ano da Geringonça, BE e PS chegaram a negociar um novo imposto, que acabariam por abandonar, assim como a recuperação do imposto sobre heranças (eliminado em 2004). Os motivos eram os mesmos: a complexidade do imposto e a dificuldade em encontrar pontos em comum entre os dois partidos. "No caso português, a nossa situação é ainda pior, porque temos tido como estratégia atrair residentes estrangeiros. Aprovar algo desse género seria equivalente a colocar uma placa a dizer 'não venha!'", defende Rocha Andrade, que tinha a pasta dos Assuntos Fiscais quando estas discussões tiveram lugar. A esquerda acabou por atuar no património imobiliário, através da criação do Adicional ao IMI para imóveis de valor patrimonial tributário superior a 600 mil euros. Mariana Mortágua considera que "foi um passo importante". Mas reconhece que há mais a fazer, ainda que nesta legislatura não tenha sido possível. Refere a proposta do BE para combater a "especulação imobiliária", que previa uma tributação progressiva das mais-valias, como um exemplo de iniciativas que podem "corrigir o enviesamento entre trabalho e capital". Cita ainda o fim das isenções de IMT para fundos imobiliários e o desejo de acabar com o regime de residentes não habituais. Se estivermos a falar de atuar via IRS, as dificuldades em Portugal são maiores pelo simples facto de não haver ricos suficientes. Em 2013, dois terços dos agregados familiares em Portugal tinham rendimentos anuais abaixo de 10 mil euros e pagaram apenas 4% da receita total de IRS. Por outro lado, os 0,6% de famílias com mais rendimentos já eram responsáveis por quase 22% da receita de IRS. Recorde-se que basta ter um rendimento superior a 30 mil euros por ano para se estar entre os 10% de agregados com salários mais altos. "Portugal já tem uma tributação do rendimento muito progressiva, com taxas de IRS absurdas para o nosso nível de vida", frisa Francisco Mendes da Silva. "A principal fonte geradora de desigualdade em Portugal é a falta de riqueza, de investimento e de oportunidades." A História recente parece mostrar que, além das dificuldades decorrentes da estrutura fiscal e remuneratória do País, mesmo com um Governo de esquerda não abunda vontade política para avançar nesta frente.

nológico. De referir que este risco não se tem materializado, por exemplo, nos países escandinavos, onde cargas fiscais relativamente altas convivem com níveis elevados de produtividade.

Francisco Mendes da Silva, advogado da Morais Leitão, reconhece que "a desigualdade é um problema real", mas que "não será combatida de modo eficaz se o for essencialmente pela via fiscal". Em resposta à VISÃO por email, o ex-deputado do CDS refere que "a tributação da riqueza é uma velha utopia da política fiscal", com vários problemas. A começar pela "complexidade astronómica" de definir e avaliar a riqueza líquida de uma família e a acabar no facto de poder ser regressiva. "Quanto mais ricas, mais as pessoas têm possibilidades de escolha, quer quanto à natureza dos seus rendimentos quer quanto à fonte dos mesmos", acrescenta Mendes da



Offshores Os governos trocam cada vez mais informação, procurando combater a utilização ilegal de paraísos fiscais

Silva. "A tributação dos mais ricos, na versão ideal com que ela normalmente é defendida, só funcionaria – como todas as utopias – em sociedades fechadas e totalitárias. Em sociedades abertas do século XXI, dificilmente incidiria sobre aqueles que são verdadeiramente os mais ricos."

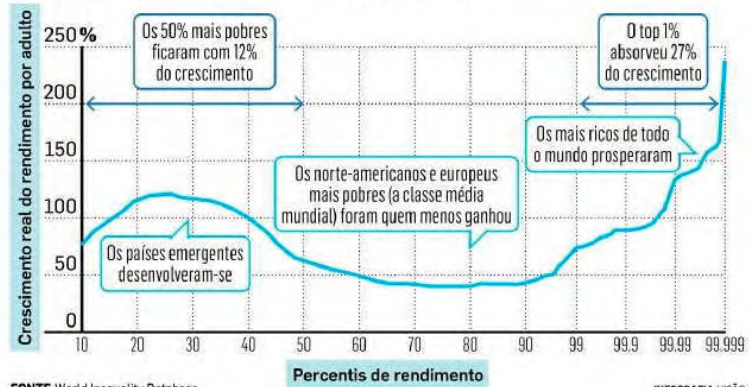
Na Europa, há dificuldades específicas que tornam mais complicado aumentar a carga fiscal sobre os contribuintes mais ricos. Gabriel Zucman é um dos académicos que mais têm estudado o fenómeno da desigualdade e o impacto dos paraísos fiscais. Em declarações à VISÃO, explica que "uma diferença-chave entre a Europa e os EUA é o contexto de competição fiscal dentro da UE". Ou seja, como os Estados-membros não coordenam a sua política fiscal, pessoas ou empresas podem beneficiar em deslocar-se. "Taxar indivíduos ultrarricos é mais fácil ao nível federal – os mais ricos não podem mudar-se para regiões com impostos mais baixos", sublinha. "A UE deveria imitar os EUA e tentar taxar os mais ricos ao nível europeu. Enquanto não houver coordenação fiscal, as perspectivas de uma taxação significativa dos europeus mais ricos parecem pouco prováveis."

Fernando Rocha Andrade, ex-secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, também se mostra pessimista. "Em termos de justiça, um imposto modesto sobre património a partir de valores significativos faria sentido como complemento do sistema fiscal", reconhece. "Mas é muito difícil de aplicar, principalmente na Europa, onde é mais fácil aos cidadãos mudarem de residência para que o seu património não seja tributado."

Não quer dizer que não haja progresso no Velho Continente. Aliás, os principais



Quem ganhou mais entre 1980 e 2016



FONTE World Inequality Database

INFOGRAFIA VISÃO

contributos académicos para o debate têm vindo da Europa, com um deles a tornar-se até um best-seller. Em menos de dois anos, *O Capital no Século XXI*, de Thomas Piketty, vendeu 1,5 milhões de cópias e tornou-se o lançamento mais bem-sucedido de sempre da Harvard University Press. O argumento central do livro é o agora famoso “ $r > g$ ”. Tradução: o retorno sobre o capital é historicamente mais elevado do que o crescimento da economia, o que resulta numa concentração de riqueza que acaba por gerar instabilidade social e económica.

Dos departamentos de economia para as ruas, uma das principais bandeiras dos “coletes amarelos” era a crítica a Emmanuel Macron, por ter anunciado a eliminação do imposto sobre a riqueza.

No entanto, onde parece haver mais movimento é na taxa de empresas, nomeadamente os gigantes tecnológicos que, embora dominem os rankings de maiores empresas do mundo, pagam muito menos impostos do que retalhistas ou fabricantes automóveis. Depois de se perceber que dificilmente

haverá um imposto europeu comum sobre Facebook, Google, Apple e Amazon, alguns países anunciaram que irão avançar sozinhos. É o caso de França, Espanha e Reino Unido.

FÓSFOROS ACESOS

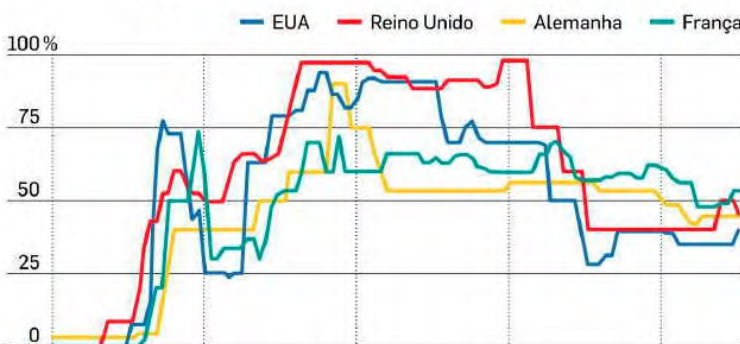
Apesar das dificuldades de execução, algumas condições têm melhorado. O Fisco tem cada vez mais informação sobre os contribuintes e os Estados trocam cada vez mais dados entre si, o que significa que é mais difícil fugir aos impostos. O cerco em torno dos offshores também tem vindo a apertar, ainda que muitos argumentem que continua a ser demasiado lasso.

A OCDE reconhece que existem dificuldades técnicas e práticas em aplicar um imposto sobre a riqueza, mas defende que, numa altura de crescente concentração da riqueza, seria útil estudar formas de trazer maior equidade ao sistema fiscal. A organização favorece impostos sobre as heranças e impostos progressivos sobre os rendimentos de capital.

Mendes da Silva antecipa que a tributação dos ricos estará no centro da agenda política nos próximos anos. “Não duvido de que a moda americana se alastre à Europa e a Portugal. Aliás, acho que isso já aconteceu: o entusiasmo socialista da última campanha de Bernie Sanders já foi sensivelmente contemporâneo do ‘momento Piketty’ na Europa.”

Piketty identificava no seu livro o problema central: a via mais eficaz de aplicação deste imposto seria com uma taxa global ou, pelo menos, abrangendo um número importante de países. Contudo, enquanto todos os países do mundo competirem entre si numa permanente corrida fiscal para o fundo, será difícil alcançar progressos significativos. Talvez a entrada dos EUA em jogo seja o rastilho que acabe por se alastrar ao resto do mundo. Por agora, o que temos é cada vez mais gente com o fósforo na mão. naguair@exame.pt

Taxas marginais de IRS entre 1900 e 2013



FONTE *O Capital no Século XXI*, Thomas Piketty

INFOGRAFIA VISÃO



ID: 79407434

07-03-2019

A NEWSMAGAZINE MAIS LIDA DO PAÍS



Se7e

MAPA DAS
CERVEJAS
ARTESANAIS
DE LISBOA
E DO PORTO

VISÃO

IMPOSTOS
OS SUPER-RICOS
VÃO VOLTAR
A PAGAR MAIS?

DAIIL SINGER
QUEM É O HOMEM
QUE QUER MUDAR
O RUMO DA EDP

OS ALIMENTOS QUE CURAM SEGUNDO A CIÊNCIA

O que comemos pode ter um efeito mais eficaz do que um medicamento.
O que revelam as novas descobertas sobre o poder da alimentação

GRÁTIS



GUIA
com esta edição

N.º 1357 . 7/3 A 13/3/2019 . CONT. E ILHAS: €3,60 . SEMANAL